

humanitas

Vol. LVII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVII • MMV



HOMERO, *Iliada*. Introdução e tradução de Frederico Lourenço (Lisboa, Livros Cotovia, 2005) 503 p.

CANTO DE SANGUE E LÁGRIMAS: A ILÍADA

A *Iliada* é um «canto de sangue e lágrimas», em que o sofrimento redime e aparece como espécie de aprendizagem; um texto épico que cobre apenas breves dias da Guerra de Tróia, com a narração de sucessivos combates em que os próprios deuses se envolvem, são feridos; um poema de guerra em que os cavalos de Aquiles também choram e em que os momentos de paz são esparsas ilhas apaziguadoras e quase sempre evocação de um passado feliz que contrasta com a guerra, morte e sofrimento actuais. Um poema em que, como acentua Luísa Neto Jorge e lembra Frederico Lourenço (p. 7), «luz e morte coincidem hora a hora».

Tudo começa com um acto de prepotência e insolência ou *hybris* de Agamémnon, praticado contra o sacerdote Crises que, escudado com as insígnias de Apolo, veio suplicar a libertação da filha, Criseida, a troco de opulento resgate. Em consequência, o deus lança sobre o exército uma peste que aos poucos vai dizimando homens e animais, até que Aquiles, ultrapassando o chefe da expedição, resolve convocar a assembleia dos guerreiros e consultar o adivinho Calcas. Dele obtém a revelação de que tudo se deve à ofensa de Agamémnon e de que a calamidade não cessará sem a jovem ser devolvida ao pai e de Apolo ser apaziguado com um sacrifício. É imediata a revolta do Atrida, por se ver constringido a devolver Criseida ao pai, e logo anuncia que vai retirar a cativa de Aquiles, Briseida. Entre os dois guerreiros gera-se então uma discussão violenta que termina com a retirada do Pelida, encolerizado, e ao combate, quebrada a confiança, se recusa voltar, mesmo que insistentemente solicitado por todos, e pelo próprio Agamémnon que apresenta desculpas e lhe promete volumosa recompensa. Só a morte do seu grande amigo Pátroclo por Heitor, chefe dos Troianos, e o desejo de vingança o fazem regressar. Não depõe a cólera, esta apenas muda de sentido: agora concentra-se no filho de Príamo e nele procura satisfazer a sua ira pela perda do amigo. Nem a morte do grande guerreiro troiano aplaca essa cólera. Só se apazigua, quando o velho rei de Ílion, humilde, destroçado pela dor e consternado, vem à sua tenda, lhe abraça os joelhos, lhe beija as mãos que tantos dos seus filhos mataram e lhe suplica o corpo do filho.

Então Aquiles comove-se, lembra-se da dor do seu próprio pai que o não verá regressar vivo e, além do corpo, concede doze dias para as devidas honras fúnebres. É com elas que o poema termina. Narra assim um episódio e breve momento da guerra de Tróia, mas concentra e simboliza todo esse conflito de dez anos.

A versão da *Iliada*, por Frederico Lourenço, publicada nos Livros Cotovia, na roupagem de verso solto, ritmado e de fôlego amplo, já utilizado na tradução da *Odisseia* (Lisboa, Cotovia, 2003), merece-me palavras idênticas às que na ocasião escrevi: convida-nos à leitura, leva-nos embalados na fruição ritmada do texto, interessa-nos na narração dos combates, prende-nos às descrições dos episódios, envolve-nos nos sofrimentos e emoções das figuras. Além da sua qualidade literária, vem ainda colmatar uma lacuna grave, já que as traduções até agora disponíveis (especificadas no *Dicionário de Literatura Grega* Lisboa, Verbo, 2001), de modo geral não satisfazem, por dificilmente disfarçarem a idade, ou pecarem pela falta de fidelidade, ou serem parcelares e fragmentárias. Daí que subscreva as palavras de Frederico Lourenço, na *Introdução* (p. 8), quando acentua que os trechos da *Iliada* apresentados por M. H. Rocha Pereira na antologia *Hélade são*, «pode dizer-se com rigorosa objectividade», «a primeira tradução, desde o Renascimento aos nossos dias, a exprimir em língua portuguesa o que está, de facto, no texto grego». Daí que, como já o fiz a respeito da *Odisseia*, me apraza saudar, de forma efusiva, esta versão da *Iliada* – que agrada mesmo pela apresentação estética do livro, a sua qualidade gráfica. Bem o merece este notável poema que Eugénio de Andrade diz ter «sempre à mão» (*O Sal da Língua*) e no qual Miguel Torga considera necessário de vez em quando «retemperar a coragem» (*Diário* de 26.1.1942). Para fazer também minhas as palavras de Frederico Lourenço, na abertura da “Introdução” (p. 7), «é o primeiro livro da literatura europeia» que, sob certo ponto de vista, nenhum outro que se lhe tenha seguido conseguiu superar e que, lido hoje, no século XXI depois de Cristo, «mantém inalterada a sua capacidade esmagadora de comover e perturbar».

Judiciosa, medida e bem informada, a “Introdução” (pp. 7-25) discute os principais problemas e aborda os assuntos mais relevantes para a compreensão do poema: a complexa história da transmissão do texto e a sua divulgação em Portugal; a questão da autoria e da existência de um poeta de nome Homero; a consciência do valor da poesia que, segundo Frederico Lourenço, é um dos aspectos mais belos da *Iliada* (p. 22); a importância dos símiles como processo literário (pp. 22-23). No que respeita à discussão do papel de oralidade e escrita na composição da *Iliada* e da *Odisseia*, manifesta aceitação pela tendência actual que, embora valorize a tradição oral, se inclina para uma composição já escrita dos poemas, considerando ser «difícil não vermos na concepção e estrutura arquitectónicas da *Iliada* dados que apontam no sentido da escrita» (p. 9). Em

breve resumo da acção, aponta o facto escolhido pelo poeta «para pôr em movimento a acção» do poema – a desconsideração de Agamémnon a Crises (p. 10) –, sublinha alguns episódios mais significativos e discute passos ou aspectos controversos, casos da *Boiotia* ou “Catálogo das Naus” (p. 10), dos alegados vestígios de teriomorfismo (pp. 24-25). Bem apropriadas são as linhas que dedica à descrição do Escudo de Aquiles do Canto XVIII que considera «todo um universo de experiência humana» que aí está gravado (p. 20).

A caracterização das figuras é breve mas fina e certa, sublinhando os traços fundamentais: Aquiles, Heitor, Diomedes, Nestor, Agamémnon, Ulisses, Ajax, Príamo, Hécuba, Andrómaca, Helena, Páris aparecem vivos, fortes, imprevistos nas suas reacções, sentimentos e explosões. Dou como exemplo estas rápidas notas sobre o contraste entre Heitor e Páris (p. 18): «Se Heitor “enche as medidas” a qualquer leitor pela nobreza, virilidade, espírito de sacrifício e digna aceitação da tragicidade do destino humano (além de ser ideal filho, esposo e pai), Páris fascina pela irresponsabilidade, narcisismo e despreocupada entrega ao prazer do sexo». Ou estas sobre duas das principais figuras femininas do poema que ficarão na mente do leitor (p. 18): «Hécuba com o seu sofrimento esmagador; Andrómaca, de cuja boca Homero faz sempre fluir poesia da mais arrebatada genialidade». Curioso é (e de certo modo estranho) que, a propósito da Embaixada a Aquiles, no Canto IX, constituída por Ulisses, Ajax e Fénix, embora o texto grego empregue o dual (vv. 182 sqq.), portanto pensando apenas em dois – a famosa questão dos duais –, Frederico Lourenço pareça pender para a interpretação que resolve o problema pela destituição ou desqualificação de Fénix, já que o não refere nestas palavras relativas a essa difícil missão (p. 15): «Agamémnon manda Ulisses e Ajax à tenda de Aquiles com a incumbência de prometerem mundos e fundos se ele reconsiderar a sua posição». Considero, contudo, acertado o seguro sublinhar de que a natureza da relação entre Aquiles e Pátroclo não deve ser vista como uma relação homoerótica e sexual, já que tal seria «tresler o que Homero nos diz sobre homens e mulheres, tanto na *Iliada* como na *Odisseia*», mas antes ser olhada como «uma relação de amor heróico, elo de lealdade na mundividência homérica não menos inquebrantável na morte – e depois dela – do que no convívio diário» (pp. 12-13). Não menos acertado é o realce dado à discussão e ao conflito entre Agamémnon e Aquiles, nascidos pelo facto de o primeiro, soberano máximo e ‘pastor do povo’, sentir «a mais rressabiada inveja perante o segundo, o maior de todos os heróis» (p. 11), o que o leva a desconsiderá-lo, retirando-lhe Briseida que, ao contrário de Criseida para Agamémnon, é «muito mais do que mero objecto sexual», e inquinando definitivamente a relação de confiança entre os dois; bem como o sublinhar da cólera ou *mênis* de Aquiles que dessa desconsideração nasce e se vai tornar o tema central e aglutinador do poema: desencadeada no Canto I, só se apazigua no XXIV, no momento em que Príamo, símbolo do sofrimento de pai e de rei, vai

suplicar o corpo do filho à tenda de Aquiles, em que este se comove, entrega àquele pai destroçado o cadáver de Heitor e lhe concede doze dias de treguas para que o ancião lhe preste as devidas honras fúnebres, sem que antes lembre, emocionado, a tristeza do seu próprio pai que nunca terá nos braços o seu corpo – momento definidor da evolução humana do herói e da grandeza do sofrimento de Príamo, bem traduzidos no poema “À sombra de Homero” de Eugénio de Andrade (*O Sal da Língua*):

É mortal este Agosto – o seu ardor
sobe os degraus todos da noite,
não me deixa dormir.
Abro o livro sempre à mão na súplica
de Príamo – mas quando
o impetuoso Aquiles ordena ao velho
rei que não lhe atormente mais
o coração, paro de ler.
A manhã tardava. Como dormir
à sombra atormentada
de um velho no limiar da morte?,
ou com as palavras de Aquiles,
na alma, pelo amigo
a quem dera há pouco sepultura?
Como dormir às portas da velhice
com esse peso sobre o coração?

Trata-se de uma tradução que opta pela utilização acertada do verso, como aconteceu já na *Odisseia*, um verso que não é isossilábico, mas flexível e aberto, que procura manter-se entre as doze e as dezassete sílabas, as que pode ter um hexâmetro, metro em que estão compostos os Poemas Homéricos, como justifica Frederico Lourenço, precisamente no prefácio da *Odisseia* (p. 8). E tal como aconteceu na tradução do referido poema homérico, o tradutor consegue que esse verso seja vivo, respire, ganhe ritmo na leitura, valorizado que está por rimas internas, assonâncias, manutenção das fórmulas e epítetos. Desse modo, o andamento de estilo homérico e a ideia de repetição e de língua formular, que são marca da *Ilíada* e da *Odisseia*, aparecem sugeridos e a cada passo transmitidos com fidelidade. É evidente que a busca dessa correspondência, como escrevi já a propósito da versão da *Odisseia*, apoia-se na boa formação em crítica textual e métrica grega de Frederico Lourenço e dela muito beneficia; exige, por outro lado, esforço, trabalho, argúcia e sensibilidade literária, além de implicar bom conhecimento da língua do original e da língua para que se verte, como é o caso presente. Assim a leitura deste poema, de quase 16 000 versos, com sucessivas

descrições de combates, quer individuais, quer colectivos, não tem nada de monótono, mas torna-se atraente e cadenciada.

Para exemplificar essa cadência e adequado balanceamento do texto da tradução, vários passos poderia aqui citar: e.g. o desfazer da assembleia (vv. 304-317), a cena do sacrifício (vv. 457-477), o encontro de Tétis com Zeus (vv. 493-530), todos passos do Canto 1; ou toda a cena da Embaixada a Aquiles no Canto 9 (vv. 192-657) que contém um repositório de modelos de retórica prática, antes de as suas normas serem teorizadas nos séculos V e IV a.C.: três discursos diferentes fazem os embaixadores (*Ulisses*, *Fénix* e *Ájax*) a que o Pelida responde com um discurso adaptado a cada um. Para citação exemplificativa, escolho os versos 22-31 do Canto 18 que traduzem a dor de Aquiles, no momento em que conhece a morte do amigo Pátroclo:

Assim falou; e uma nuvem negra de dor se apoderou de Aquiles.
Levantando com ambas as mãos a poeira enegrecida,
atirou-a por cima da cabeça e lacerou seu belo rosto.
Sobre a sua túnica perfumada caiu a cinza negra.
E ele próprio, grandioso na sua grandiosidade, jazia
estatelado na poeira e com ambas as mãos arrancava o cabelo.

Não é de estranhar que, em obra desta extensão, possam existir passos ou fórmulas, cuja tradução – ou melhor, a forma encontrada – pareça menos conseguida ou nos agrade menos. Pergunto-me por que razão fórmulas iguais aparecem traduzidas de maneira diferente: por exemplo, o primeiro hemistíquio – *ton (ten) d' apameibómenos proséphe* (I. 84, 130, 215, 285, 560; II. 369; IV. 188; V. 764, 814; IX. 307, 606, 643; X. 42; XXIV. 299) – é igual e nele o poeta utiliza a mesma fórmula de introdução de discurso directo, muito frequente. Mas, enquanto em todos os outros passos Frederico Lourenço usa a sequência «respondendo-lhe assim falou», em I. 560 e em V. 764 aparece traduzida de forma significativamente diferente como «a ela deu resposta», expressão que de modo geral surge como versão de outras fórmulas de introdução de discurso – por exemplo, *ton (ou ten) d' aúte proséepipen* (e. g. III. 58; V. 179, 229; XXIV. 217, 378, 389, 410, 432), ou a sequência *ton (ou ten) d' eméibet' épeita* (e. g. I. 121, 172, 544, 551; III. 199; IV. 50, 317; V. 375, 381; IX. 162; X. 86, 102, 143; XXIV. 372) –, também frequentes e também usadas no primeiro hemistíquio. E considerando apenas esta última fórmula, estranho – a não ser que haja um motivo plausível que desconheço – qual a razão por que a traduz umas vezes do modo acima referido (e. g. I. 172, 544; III. 199; IV. 50, 317; IX. 162; X. 86), outras como «a ele (ela) respondeu em seguida» (e. g. X. 102, 143), outras apenas «a ele respondeu» (e. g. I. 551) e outras ainda «respondendo-lhe assim falou», como a primeira fórmula referida que, no grego, é muito diferente, quanto à fonia e quanto à forma (e. g. I. 121; XXIV. 372).

E, para dar um exemplo mais apenas, continuo a discordar da solução encontrada para a fórmula *épea pteróenta*, vertida por «palavras apetrechadas de asas», por a considerar um pouco prosaica e, sobretudo, pesada em demasia. E também me não convence a explicação apresentada no final da “Introdução” da *Iliada* (p. 25). Em minha opinião, seria preferível, como já o afirmei a propósito da *Odisseia*, «palavras aladas» que se tornaram tradição poética desde Antero de Quental, nos *Raios de Extinta Luz*.

E termino com as palavras com que concluí a apreciação da tradução da *Odisseia*: apesar de discordâncias que sempre existem e de possíveis imperfeições que sempre será possível apontar – a perfeição é própria dos deuses e nós somos humanos – é evidente a mestria, competência, sensibilidade estética demonstrada por Frederico Lourenço. Pessoalmente sou um entusiasta do produto final, tal como nos chegou às mãos, e aconselho a sua leitura, vivamente, a todos.

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

ROSSETTI, Livio e SANTANIELLO, Carlo (eds.): *Studi sul pensiero e sulla lingua di Empedocle* (Bari, Levante editori, 2004) 327 p.

Este volume, que constitui o trigésimo sétimo da prestigiada colecção *Le Rane*, dirigida por F. De Martino, é dedicado à memória do recentemente desaparecido R. Laurenti, como o refere G. Cerri na *Nota introduttiva* em que nos apresenta, com clareza e precisão, o volume no contexto da história do estudo e difícil interpretação de Empédocles, mesmo à luz das descobertas e discussões mais recentes.

O livro é constituído por um conjunto de cinco estudos, da autoria de C. Santaniello, G. Cerri, L. Rossetti, C. Bordigoni, F. Alesse, que compreendem um âmbito que vai da transmissão e exegese, com o necessário recurso à crítica textual à linguística e utilização da língua poética, à história da própria leitura e compreensão de Empédocles para melhor entendimento das limitações e “pre-conceitos” de abordagem muitas vezes criados.

O estudo de C. Santaniello retoma uma das questões centrais para o entendimento de Empédocles, e que maior polémica tem gerado: a intervenção de *Philia* e *Neikos*, na junção e disjunção dos quatro elementos, fazem supor uma só ou uma dupla cosmogonia (e, conseqüentemente, uma dupla zoogonia)? Argumentando com extrema segurança, com recurso a fontes subsidiárias e a uma exegese crítica de que extrai as devidas conclusões, Santaniello não hesita em se distanciar de tendências recentemente reavivadas, a partir do entusiasmo

gerado pela descoberta do Papiro de Estrasburgo e dos estudos a que deu azo, e pronunciar-se, fundamentadamente, a favor da cosmogonia única, concludo (p.73): “insomma, secondo le parole dello stesso Empedocle, non si può non cogliere lo stretto rapporto fra aggregazione e vita, disgregazione e morte; semmai la disgregazione può costituire la premessa, certo indispensabile, per una nuova aggregazione”.

Segue-se o trabalho de G. Cerri que, centrado na exegese do frg. 3 DK de Empédocles, tem como questão de fundo um problema que Rossetti irá retomar no seu ensaio: a fronteira que delimita os *Physika* dos *Katharmoi*. O autor aduz, para esse efeito, a leitura de 111 DK e considera a novíssima bibliografia sobre ele escrita, que defende a sua pertença aos *Physika*, bem como o carácter esotérico de um poema que possui um único destinatário, provado pelo uso da segunda pessoa do singular. Cerri, baseado no comentário literal do fragmento que constitui objecto do seu estudo, e também com recurso a outras fontes antigas, apresenta uma hábil e convincente solução: o poema, dedicado a Pausânias, é-o implicitamente a todos aqueles que querem colher os seus ensinamentos e inscreve-se num contexto cultural local “di tipo demetriaco” (p. 92) em que Empédocles fala, em público, daquilo que é permitido transmitir e por isso distingue, para o público mais lato e também para o mais restrito, num texto que tem carácter de proémio, o dizível do não dizível.

Com “Empedocle scienziato” L. Rossetti põe em causa uma leitura empobrecedora de Empédocles, radicada, em última análise, na tradição do racionalismo positivista, que nega a este, bem como aos outros Pressocráticos, o estatuto de filósofos e um carácter científico do seu discurso. Rossetti compreende e recupera, para além de juízos preconcebidos na História da Filosofia, o verdadeiro espírito do poeta filósofo, do crente especulativo e observador, num tempo que nada tem a ver com a cisão epistemológica cartesiana sujeito/objecto, *versus* entidade que domina pelo saber/coisa dominada pelo saber. É que para Empédocles, tanto como para outros dos Pressocráticos, “verdade” e “inspiração”, aparência e aparecimento-revelação são inseparáveis. Empédocles é, assim, como nota Rossetti, uma figura multifacetada, “personalità poliedrica”, em quem a multiplicidade de registos discursivos não significa, contudo, dispersão sem unidade. Ainda que não seja possível apurar uma absoluta linearidade (pela própria natureza do labor filosófico acima exposta), Rossetti aceita para si o desafio de provar que há uma coerência e coesão de fundo entre a multiplicidade de *doxai* secundárias expostas e o nervo central de *Peri Physeos*. Como é peculiar à investigação de Rossetti, este especialista encontra, para questões controversas, respostas por vezes simples, escudadas num sólido conhecimento da Filosofia Grega: Empédocles é movido pelo desejo de transmitir, do modo mais completo possível, o que sobre a *Physis* se conhece. Conforme sintetiza Cerri, na sua nota introdutória tão bem elaborada, este estudo (p. 18) “è il primo tentativo sistema-